

2005/07/27

MÍSSEIS TOMAHAWK PARA A MARINHA ESPANHOLA

Alexandre Reis Rodrigues

A Espanha será o terceiro país no mundo a possuir mísseis Tomahawk, os mísseis superfície-superfície de longo alcance que foram utilizados pela primeira vez na Guerra do Golfo, em 1991 e que, pela sua extrema precisão e perfis de voo a muito baixa altitude, constituíram a mais mediática evidência da opção americana em dotar as suas forças armadas com as mais avançadas tecnologias.



Ao juntar-se assim ao Reino Unido e aos Estados Unidos, o país que também fabrica esses mísseis, a Espanha acrescentará à sua capacidade de projecção de poder contra terra, que já inclui um significativo elemento anfíbio, mais uma importante componente. Fica dessa forma muito clara a prioridade que pretende atribuir à sua capacidade de intervenção no exterior, aliás de acordo, com as orientações da NATO. A Holanda, na última revisão dos seus planos de defesa, também referiu a intenção de dotar as suas fragatas com capacidade semelhante.

Estes mísseis, destinam-se a equipar as quatro novas fragatas F-100 da Marinha espanhola. A intenção é comprar 40 mísseis, uma aquisição cujo custo pode ultrapassar 23 milhões de dólares.

[1]

Estas novas fragatas, (Álvaro de Bazán, Juan de Borbón, Blas de Lezo e Méndez Núñez), são navios especializados em defesa aérea de área, possuindo o sistema de detecção e seguimento AEGIS que equipa os cruzadores e destroyers de defesa aérea da Marinha americana. São navios de relativamente grandes dimensões, cerca de 6250 toneladas de deslocamento, 28 nós de velocidade e uma guarnição de cerca 200 efectivos. Estão concebidos para ter uma baixa assinatura acústica, para dificultar a sua detecção por submarinos.

O processo tinha-se iniciado ainda no tempo do Governo de Aznar, há mais de um ano atrás; segundo o diário madrilenho EL PAÍS,[2] não obstante a concordância dada pela Marinha americana e pelo Congresso para esta transferência, todo o processo ficou retido no Pentágono. É possível que a recente visita a Washington do Ministro da Defesa espanhol tenha ajudado, finalmente, a desbloquear a autorização.

Trata-se, por enquanto, apenas de uma autorização política para a transferência desses sistemas de armas: devido à natureza muito sensível da tecnologia utilizada a sua venda está sujeita a muitas restrições, incluindo, a prévia luz verde política da administração americana; a manutenção e a configuração dos mísseis permanecerão também sob o controlo dos EUA. As negociações para a aquisição propriamente dita começarão agora com a *Hughes Missile Systems* que fabrica estas armas.

Os mísseis de cruzeiro Tomahawk, com que estão armados alguns navios de superfície e submarinos americanos e os submarinos da Royal Navy, são mísseis subsónicos (880 kms/hora) de longo alcance[3] para ataque a alvos em terra, e que usam um sistema de navegação por inércia associado a facilidades de controlo em função do relevo e contorno do terreno (*Terrain Contour Matching*). A mais moderna geração destes mísseis permita a reprogramação do seu trajecto durante o voo para novas coordenadas GPS ou para qualquer outro alvo alternativo pré-designado no sistema (até um máximo de 15 alvos) e a utilização de rotas evasivas. Estes mísseis, que usam combustível sólido, podem, numa das suas versões, serem portadores de uma ogiva nuclear.

[1] A Marinha inglesa adquiriu 65 unidades em 1995, para os submarinos nucleares. Esta capacidade foi declarada operacional em Novembro de 1998, na sequência de um ensaio de disparo real.

[2] EL PAÍS, 22 Julho 2005, edição do IHT.

[3] Entre 700 e 1350 milhas, dependendo da versão.

2012/06/18

O DUPLO USO E A COOPERAÇÃO NOS ESPAÇOS MARÍTIMOS[1]

José Afonso Galrito[2]

2012/01/26

THE VIRTUES OF DEBATING DEFENCE POLICY

Tiago Fernandes Mauricio[1]

2011/12/05

A PIRATARIA MARÍTIMA NA SOMÁLIA[1]

José Rodrigues Pedra[2]

2011/12/04

QUO VADIS ESTRATÉGIA MARÍTIMA EUROPEIA?[1]

José Rodrigues Pedra[2]

2011/10/30

O SENHOR MINISTRO DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA E A SALINIDADE DAS ÁGUAS

José Castanho Paes[1]

2011/10/13

AS OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS E A GUERRA DE SUPERFÍCIE

Alexandre Rabello de Faria[1] e Marcus de Azevedo Braga[2] (Brasil)

2011/02/21

MARINHA DE DUPLO USO: UM CONCEITO PÓS-MODERNO DE UTILIZAÇÃO DO PODER MARÍTIMO[1]

Nuno Sardinha Monteiro e António Anjinho Mourinha[2]

2010/07/14

FORÇAS PARA O BEM[1]

Nuno Sardinha Monteiro[2]

2010/03/14

A SOBERANIA DOS ESTADOS E O MAR - A REALIDADE PORTUGUESA[1]

João Pires Neves[2]

2009/12/05

SÍNTESE GEOPOLÍTICA E GEOSTRATÉGICA DO PODER NAVAL PORTUGUÊS [1]

João Brandão Ferreira

2007/05/06

A GNR E O MAR TERRITORIAL (VERSÃO INTEGRAL DO ARTIGO PUBLICADO NO JORNAL PÚBLICO DE 5 MAIO)

Alexandre Reis Rodrigues

2007/04/20

ESTARÁ A TROPA INGLESA DE BOA SAÚDE?

João Brandão Ferreira

2007/04/14

CONHECIMENTO, USO E CONTROLO DO MAR PORTUGUÊS

José Castanho Paes

2007/01/09

O NAUFRÁGIO [1]

Alexandre Reis Rodrigues

2006/06/01

REEQUIPAMENTO ADIADO

João Ferreira Barbosa

2006/01/17

O EMPREGO DO PODER NAVAL NO SÉCULO XXI

Alexandre Reis Rodrigues

2005/12/28

O QUE SE PODE ESPERAR DA NOVA MARINHA AMERICANA

Alexandre Reis Rodrigues

2005/10/09

O MAIOR PROGRAMA DE CONSTRUÇÃO NAVAL DESDE A 2ª GG

Alexandre Reis Rodrigues

2004/08/04

DE NOVO OS SUBMARINOS

Alexandre Reis Rodrigues

2004/06/03

O NOVO NAVIO PARA OPERAÇÕES NO LITORAL

Alexandre Reis Rodrigues

2004/05/21

CARACTERÍSTICAS DAS ESTRUTURAS DAS FORÇAS NAVAIS MULTINACIONAIS

António Silva Ribeiro

2004/01/19

A ESTRATÉGIA NAVAL PORTUGUESA

Alexandre Reis Rodrigues

2004/01/08

A MARINHA AMERICANA – PLANOS DE NOVAS CONSTRUÇÕES

Alexandre Reis Rodrigues

2003/11/16

A NOVA MARINHA AMERICANA. FICÇÃO OU REALIDADE?

Alexandre Reis Rodrigues

2003/10/31

NOVAS FRAGATAS PARA AS MARINHAS FRANCESA E ITALIANA

Alexandre Reis Rodrigues

2003/10/25

NOVOS PORTA-AVIÕES NA EUROPA

Alexandre Reis Rodrigues